

PARA a maioria dos artistas o Salão Oficial é um equivalente do Prêmio de Viagem. Mas para muitos — artistas, críticos e interessados em arte em geral — o Salão também é a exposição coletiva onde frequentemente aparecem talentos novos, que pela primeira vez se aventuram a expor os seus trabalhos. Assim, no Salão de 1949, vi pela primeira vez os trabalhos de Ivan Serpa — obras figurativas, escritas, mas com transparências larançosas e desenhos intencionalmente abstratos de imaginação e fantasia. Eu não conhecia o jovem pintor, mas escrevi a seu respeito, porque me parecia ser a figura mais interessante entre os novos dos dez anos que se seguiram. Ivan Serpa veio a ser um dos principais nomes da Bienal, premiado com o primeiro prêmio e internacionalmente preparado a seguir para a sua viagem a Europa, em gozo do Prêmio de Viagem ganhado no Salão Nacional de Arte Moderna.

Ivan Serpa nasceu em 1923. É casado, pai de duas crianças, sendo que um terceiro filho está a caminho. Mora atualmente numa pequena casa de Lins e Vasconcellos, a qual mandou adicionar um pequeno espaço que ocupa todo o segundo andar. Como homem, Ivan Serpa leva uma vida pacata de pai de família, como artista pertence à vanguarda da pintura brasileira e é bastante curioso esse contraste entre o ambiente e o artista. Estudou durante algum tempo com Axel von Leskovschek, mas depois preferiu continuar sozinho. A sua evolução artística fez de maneira bastante natural e se hoje é considerado um dos principais expoentes da pintura abstrata e porque seguiu esse caminho naturalmente por uma necessidade interior, e não pelos ditames da moda.

Sente-se agora que Serpa prefere não ser considerado um pintor, no sentido que ele como diz ele mesmo, os verdadeiros, concretos. Ele não se considera um inovador, se considera apenas um pintor. Ivan Serpa, que não pertence a um "ismo" determinado. É uma que a criação artística tem que ser sobretudo uma coisa autêntica, e ser uma surpresa para quem o vê ou o conhece, que diante do quadro que ele fez, o espectador se impressione por sua qualidade, e não pelo "ismo" ao qual possa pertencer, quer dizer, quando existe a integração total dos elementos, independentemente do nome.

Falando de outros artistas, Serpa diz: "O artista tem que fazer com sinceridade o que sabe fazer" e cita o exemplo do velho Morandi, que recebeu o Grande Prêmio da última Bienal de São Paulo. Mas em relação ao interesse despertado nele por outros artistas contemporâneos, Serpa afirma: "Gosto de certos artistas, mas não me

então acho melhor ficar de braços cruzados. Continuar os problemas deles? Veja os que saíram do "Bauhaus Dessau". Não fizeram nada. E que muitas vezes os pensamentos não correspondem à obra. Isso naturalmente são apenas pensamentos meus e não quero ofender a ninguém. Quem quer criar, tem que seguir a sua própria sonhada, e não a dos outros".

Ivan Serpa mudou ultimamente. Sentiu-se maior liberdade em sua obra e a sua maturidade em seus pensamentos. E referindo-se a um ataque febre por ele, há tempos, a Portinari, diz que hoje não o faria mais. "Cada um era como pode". Serpa diz também, que a artista se realiza em qualquer lugar. Não é nem a escola, nem o local que fazem o artista, e o homem que se realiza. "Acredito no homem que se realiza".

Pergunto a Ivan Serpa quais os artistas brasileiros que considera os melhores e ele responde talvez um pouco diplomáticamente: "Acho que os melhores são todos aqueles que são sinceros consigo mesmos".

Os planos de viagem de Ivan Serpa ainda estão um pouco vagos. Primeiro pensa ir a Paris, onde tem parentes que lhe ofereceram hospedagem. Depois, verá.

Na exposição que está fazendo em São Paulo, não há maior prazer que estar diante da obra de um artista que se encontrou.

gens um trabalho a tempo, um em na quin. Esse quinto. Trabalhos mostram bem o caminho percorrido

época em que o ritmo que Serpa conseguia obter em seus trabalhos era proveniente da harmonia esp

cial das formas e não da harmonia cromática. O resultado era uma pintura algo fria, delicada, calculada, de alto nível qualitativo, mas que pouco comunicava ao observador. So muito recentemente é que Serpa parece ter se libertado completamente das restrições auto-impostas. A cor agora é franca e vibrante, o traço não depende mais de tiradas finas, o ritmo todo é mais espontâneo. Os problemas formais mudaram menos, mas a maneira de resolvê-los é outra, baseada em um mais profundo conhecimento do espaço e por conseguinte em uma liberdade de ação muito maior. Aumentou também a sua coragem em relação às cores. E vemos, verdes vivas lado a lado com várias tonalidades de azul, entremeados de carmelita, resultando o todo numa riqueza cromática quase oriental. A timidez por vezes algo decentia que se notava nas cores de trabalhos de há um ou dois anos, transformou-se numa afirmação viril e vibrante da cor. A impressão deixada pelos últimos trabalhos de Ivan Serpa é a de um artista amadurecido, consciente, dono de seu "métier", de um artista que encontrou a sua própria personalidade e o seu próprio mundo, e que não hesitara mais em relação ao caminho a seguir. Para um crítico, não há maior prazer que estar diante da obra de um artista que se encontrou.

Pan-Foulo
nº 44
março 1958.

5/14